

USOS DE BOUDICA: UMA ANÁLISE DA RECEPÇÃO DA LÍDER BRETÃ NO SÉC. XIX E SUA ASSOCIAÇÃO À RAINHA VITÓRIA

USES OF BOUDICA: AN ANALYSIS OF THE RECEPTION OF THE BRITISH LEADER IN THE 19TH CENTURY AND HER ASSOCIATION WITH QUEEN VICTORIA

Laís A. Ribeiro²²

Pedro V. da S. Peixoto²³

Artigo recebido em 19 de janeiro de 2024

Artigo aceito em 12 de março de 2024

Resumo: Este artigo se propõe a analisar Boudica, comparando sua representação na antiguidade, a partir das obras de Tácito (séc. I-II), e a sua recepção no séc. XIX, através do monumento construído por Thomas Thornycroft, refletindo a relação desta com o Império Britânico da Rainha Vitória.

Palavra-chave: Boudica/Boadicea. Províncias Romanas. Representação Feminina. Usos do Passado.

Abstract: This article aims to analyze Boudica, comparing her representation in antiquity, based on the works of Tacitus (1st-2nd centuries), and her reception in the 19th century through the monument built by Thomas Thornycroft, reflecting its connection with Queen Victoria's British Empire.

Keyword: Boudica/Boadicea. Roman Provinces. Feminine Representation. Uses of the Past.

Introdução

Sabemos pouco sobre Boudica, ou Boadicea; as principais descrições que temos dela se dão a partir do relato de historiadores romanos. Os iceni (icenos), seu povo, não deixaram documentação escrita além da grafia de suas moedas. Seu estudo, desta forma, possui o prisma bem delimitado pela tradição literária greco-romana dita “clássica”. Neste espectro, Tácito e Dião Cássio são os relatos mais conhecidos e extensos sobre Boudica – apesar de Suetônio também a citar em *A Vida dos Césares*. Em contrapartida à limitação da documentação escrita,

²² Graduanda em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Integrante do Laboratório de História Antiga – LHIA/ UFRJ; orientada pelo Prof. Dr. Pedro Peixoto. ORCID: 0009-0007-1931-106X.

²³ Professor Adjunto de História Antiga da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), tendo realizado Pesquisa de Doutorado “Sanduíche” por 1 ano em Arqueologia na Universidade de Manchester, Inglaterra (Reino Unido). ORCID: 0000-0003-4311-9442.

a vida dessa mulher é um tópico de interesse dentro dos assuntos da Britânia. Sua imagem sofreu apropriação por diferentes grupos sociais ao longo da história, inclusive na contemporaneidade. Focaremos, aqui, na história da rainha bretã, que liderou uma revolta contra os romanos no primeiro século d.C., durante o principado de Nero, entendendo que tal narrativa não pode ser separada da história de sua recepção. Este artigo visa, de tal modo, contribuir com a adição de mais um prisma sobre o tópico dos usos do passado de Boudica, tema ainda marginal na historiografia brasileira, mas que, hoje, já conta com reflexões prévias (BÉLO, 2014).

Estabeleçamos, primeiramente, uma contextualização sobre os estudos de recepção dentro da historiografia. O começo deste campo, como apontado por Bakogianni (2016, p. 115), se deveu ao desenvolvimento de teorias de estética da recepção no âmbito literário, principalmente com uma geração de estudiosos da década de 1960. Tais debates foram gradativamente, na segunda metade do século XX, incorporados pela escrita da história. Abandonando a visão historicista que denota a imparcialidade do historiador frente ao seu objeto de estudo, e incluídos em uma visão pós-estruturalista, os antiquistas Charles Martindale e Lorna Hardwick foram primordiais para a estruturação dos estudos de recepção dentro da historiografia num contexto amplo. Seus estudos influenciaram centenas de historiadores posteriores e ainda se mantêm como nomes de referência dentro do campo. Para Martindale (*apud* BAKOGIANNI, 2016, p. 119), que reforça uma noção pré-estabelecida por Umberto Eco (2015), uma obra nunca detém seu significado estagnado pela lente de seu autor. Ela está em aberto a partir do momento que cada leitor recebe um “texto”, seja ele escrito ou não, a sua maneira, incorporando suas próprias vivências culturais em sua reinterpretação deste. De tal modo, “na recepção, nós falamos em ‘textos’, no plural, porque, a cada vez que um texto é lido, ele está sendo recebido e interpretado de uma nova maneira.” (BAKOGIANNI, 2016, p. 115)

Salienta-se aqui que as teorias de recepção, como o próprio termo sugere, enfocam no diálogo proveniente da apropriação consciente que se faz de um objeto, e no papel ativo que o receptor deste ocupa nesta comunicação. Lê-se que o termo “recepção” indica uma ação em sua própria sintaxe. Em outros

termos, os estudos deste campo reforçam a impossibilidade de imparcialidade plena frente ao recebimento de uma informação pela cognição humana. Ao reforçar a não passividade de um leitor frente a uma produção cultural “herdada” ou, como preferimos, *recebida*, os estudiosos deste campo reforçam também a não viabilidade de uma recriação estática do passado. Assim, em toda recepção feita, há a criação de algo novo, coerente com a contemporaneidade de sua realização; visto que o pretérito não pode ser copiado por uma nova lente sem a adição da atualidade de alguma forma. Como salientou Bakogianni (2016, p. 118),

uma das principais vantagens dessa abordagem teórica e metodológica é que ela nos encoraja a ser autorreflexivos, a questionar o que estamos tentando realizar e o processo pelo qual chegamos às nossas conclusões. A recepção nos convida a revelar nossos interesses pessoais e como estes agem como uma lente, através da qual a nossa compreensão dos clássicos greco-romanos e a história da sua recepção é filtrada e, às vezes, distorcida.

Percebe-se que com o seguimento de uma metodologia que abrace as teorias de recepção, há um reconhecimento de que a influência não traça uma semirreta única do passado em direção ao presente, mas de que existe também um caminho percorrido do presente em direção ao passado. Em suma, existe um diálogo constante entre estas duas temporalidades dentro do processo histórico, na medida em que é no contemporâneo em que o pretérito é construído e dotado de significado. Como afirmou Martindale (*apud* GLADYSON et al., 2020, p. 45):

A recepção é o nosso diálogo com o passado clássico, independentemente da forma que tenha; é como uma conversa de via dupla em vez de um monólogo priorizando um ou outro lado.

Os usos do passado se inserem, nesta perspectiva, como uma modalidade de recepção feita pelo sujeito, onde a

Recepção aponta para a verificação da distância entre a gênese e a recriação posterior; já os usos do passado enfatizam os contextos posteriores. Assim, cada momento usa o passado para sua própria época, seus interesses e circunstâncias. (GLADYSON et al., 2020, p. 44)

A apropriação do passado, neste contexto, assume um caráter instrumental do mensageiro hodierno para o interlocutor desta recepção. Por esta razão, os usos do passado se alinham muitas vezes a mensagens políticas contemporâneas à gênese de sua recriação. A epistemologia de usos do passado argumenta, assim, em direção a uma intencionalidade e instrumentalização do

passado pelo receptor, na intenção de se estabelecer uma mensagem. O receptor, autor da produção hodierna, se apropria do passado para falar sobre o presente. Concordamos com Glaydson, Garraffoni e Funari (2020, p. 45), quando estes elencam que “os usos do passado atuam para criação e consumo de uma narrativa que, produzida no presente, não deixa de estabelecer expectativas para o futuro.” O horizonte de expectativa, mencionado por Kosseleck (2006), seria, assim, irremediavelmente inseparável não apenas da experiência, mas da leitura que se faz dela.

Os estudos deste campo são primordiais na medida em que a apropriação do pretérito influencia as três temporalidades conhecidas – passado, presente e futuro – e a forma como lemos o mundo por meio delas. A utilização do passado no presente não influenciará apenas a forma como ele é percebido neste, mas também na forma como ocorre a sua percepção no futuro. Ao estudar o passado, não há como se afastar da “cadeia de recepções” atrelada a ele. Como afirmou Júlia Gaisser (*apud* MARTINDALE, 2006, p. 4), “nós não somos herdeiros diretos da antiguidade [...] eles (os textos) chegam para nós alterados irreversivelmente pelas suas experiências (dos interlocutores)”²⁴. Um texto, desta forma, seja ele um enunciado escrito, uma pintura ou uma escultura, é um evento histórico, fruto de um processo social de significação de seus termos. Esta se altera conforme as demandas de uma temporalidade e sociabilidade (MARTINDALE, 2006, p. 5). Não podemos, assim, separar a leitura contemporânea de um texto de suas recepções pretéritas, na medida em que a leitura de um tempo influencia o outro.

Como exemplo, nossa análise hoje sobre a antiguidade é influenciada – seja pela omissão de especificidades ou excesso de presença – pela retomada dos “clássicos” no Renascimento. Neste artigo, defenderemos que a recepção da imagem de Boudica na época vitoriana, durante o séc. XIX, foi preponderante para a criação de um imaginário social fortalecedor de sua figura como um símbolo de uma identidade britânica e de força da liderança feminina inglesa. A

²⁴ Tradução livre de: “the understanding that classical texts are not only moving but changing targets.” We are not the direct inheritors of antiquity. As Gaisser colourfully puts it, such texts [...] stamped with new meanings by every generation of readers, and they come to us irreversibly altered by their experience.”

memória – coletivamente compartilhada de sua figura – criada neste período, fora primordial para recepções e usos posteriores da rainha bretã.

Boudica em Tácito: contextualização e análise de obra

Para adentrar nos usos posteriores da imagem de Boudica, se coloca a necessidade de análise das primeiras construções desta imagem na própria Antiguidade. Entende-se que a utilização da rainha icena, para construções discursivas, começa na própria antiguidade romana, com Tácito, Dião Cássio e Suetônio. Os três autores se apoderaram de sua imagem em momentos temporais diferentes com objetivos diversos, criando, portanto, uma personalidade diferente para a rainha-guerreira. A primeira criação de uma personalidade para Boudica se deu com Tácito. Entende-se que seu discurso – compreendido, aqui, como a obra do autor em sua totalidade – é denotado também de intencionalidade por detrás da utilização da guerreira bretã.

Como foi pressuposto por Orlandi (*apud* BARROS, 2015, p. 76) a linguagem está materializada na ideologia e a ideologia, por sua vez, se manifesta na língua; ambas são incorporadas pelo discurso. Salientamos que o discurso faz parte de um processo histórico; “um processo de significação que se modifica a partir do momento ideológico e histórico, produzindo efeitos” (FOUCAULT *apud* BARROS, 2015, p. 77), pois ele nada mais é que a “reverberação de uma verdade” (BARROS, 2015, p. 77) de um determinado tempo recortado por uma determinada realidade sociocultural. Entendemos que o discurso só pode ser reverberado quando tudo está “dado”, isto é, o significado de conceitos e termos já estão consolidados no imaginário coletivo; sendo inviável a desarticulação do grupo sociocultural em que o autor está inserido de sua produção. O discurso é nada mais que o somatório do enunciado escrito, do sujeito e da ideologia (BARROS, 2015, p. 82). Neste contexto, é indissociável a vivência de Tácito de sua obra. Essa primeira criação da personagem “Boudica” contribuiu para delimitação do seu posterior resgate e para as narrativas posteriores que seriam atreladas a sua pessoa.

Não se sabe exatamente o ano de nascimento de Tácito. Adota-se, corriqueiramente, que este tenha ocorrido entre 55-57 d.C. (FUNARI; GARRAFFONI, 2016, p. 90). Sobre a sua naturalidade, o mais consensual é

colocá-lo como proveniente da Gália romana (MELLOR, 1999, p. 77); o que se aliaria a informação que detemos de sua correspondência com Plínio, o Jovem, onde o último menciona um sotaque provincial por parte do historiador. Pela menção ao sotaque e pela noção de que o desenvolvimento fonológico do sujeito é dependente da sociabilidade inicial a qual ele está inserido, pode-se colocar não apenas o nascimento, mas também a primeira infância do historiador na região. De fato, é quase um consenso denotar a origem de Tácito como fora da *urbs* de Roma; sendo um indivíduo ambientado no I século d. C.

Uma outra citação de Plínio alude a outro Córnelio Tácito, um equestre, que fora procurador da Gália Bélgica. Deduz-se deste que tenha sido pai do historiador (MARQUES, 2012). Tácito, assim, teria uma origem não apenas provinciana, como também inferior a ordem senatorial. Sua ascensão a esta última não seria costumeira para os padrões romanos, o que contribui para a noção literária posterior de um conservadorismo associado ao seu gênio. Haveria, em certas províncias do Império Romano, uma forte crença de que a preservação dos costumes republicanos se deu de maneira mais satisfatória entre a aristocracia provinciana do que na *urbs* romana. Este pensamento influenciaria a escrita de Tácito, como Marques (2012) sustenta. Ela ainda confira um tom moralizante em seu discurso como resultado deste imaginário popular (MARQUES, 2012). Um certo saudosismo pode ser, de fato, interpretado na rememoração que o historiador faz dos tempos republicanos e de sua crítica exacerbada às ações dos imperadores e à dita “corrupção” dos valores romanos/republicanos. Ao relatar a revolta de Boudica na Britânia sob o mandato de Caio Suetônio Paulino na região, cremos que esta postura se manteve presente.

O discurso apresentado no capítulo 35 do livro 14 dos Anais, denotado à rainha bretã, apresenta um resumo dos principais pontos que aparecem na construção de sua *persona* em Tácito. De fato, a construção de discursos para personalidades de dentro da obra não é algo particular à escrita do historiador – sendo um costume na tradição greco-romana presente desde Tucídides. Até o ato de se atribuir a oratória a liderança de um exército antes do confronto – nesse caso, em particular, entre bretões e romanos – na narrativa é fruto de uma

prática corriqueira entre os historiadores romanos (ADLER, 2008, p. 177). Os argumentos que justificariam a guerra colocados na boca de um líder militar são, de uma maneira geral, o momento no qual o autor poderia se utilizar de sua própria retórica. Embora seja um conceito pós-moderno, a noção hodierna de que não há como se separar o sujeito do que ele enuncia pode ser aplicada como método de análise para a narrativa do historiador do séc. I-II.

Portanto, deve-se considerar que a realidade transferida para a boca de Boudica é perpassada visão de mundo de Tácito. Não se pode afirmar que os argumentos de rainha-guerreira são argumentos aos quais o historiador defende. Para Tácito, em sua função como historiador, sua ação deve ser a de ser imparcial em seu relato como dito por ele no prefácio de *Histórias* (1.1). Porém, talvez a crítica a Roma que Tácito denota à oratória seja a que ele consideraria como plausível, tanto em efeito ou ocorrência, para aquele determinado momento a uma líder estrangeira. Os *Anais* foram escritos no séc. II d.C. e o discurso de Boudica não é citado em *Agrícola*. Levando em conta que o trabalho analítico do historiador se pautava principalmente na averiguação de testemunhos do evento transcrito, é pouco provável que durante um intervalo de tempo de mais de quatro décadas – quando a revolta ocorre – a memória destas testemunhas seja fidedigna; sem contar a própria subjetividade na maneira com a qual uma fala é interpretada.

Alinha-se a isto a improbabilidade de Boudica ter se dirigido aos seus aliados em uma língua entendível para os legionários romanos e não pela sua língua nativa (ADLER, 2008, p. 177). A fala apresentada no Livro 14, assim, detêm uma função interlocutora mais para com os romanos – em especial, a ordem senatorial que deteve contato com a obra de Tácito – do que com os bretões que em tese o teriam ouvido. Assim, é possível defender que o orador por detrás deste discurso é o próprio Tácito, e não a rainha dos Icenos, por mais que as palavras tenham sido atribuídas à ela. Como dito por Adler (2008, p. 177)

[...] Discursos pré-batalha são a categoria mais provável de oratórias a serem inventadas por historiadores antigos. Tais discursos contêm certos elementos e temas comuns, o que sugere que considerações dramáticas e retóricas tiveram grande peso em sua inclusão. (tradução livre)

Quanto ao discurso, temos sua transcrição:

No seu carro, trazia diante de si Boudica as suas filhas e, ao passo que ia caminhando em frente de cada uma das nações, lhe dizia que decerto não era coisa nova para os Bretões marcharem ao combate comandados por mulheres, porém que agora não vinha como rainha, descendente de avôs tão ilustres, reclamar o seu reino e o seu poder: vinha, sim, como qualquer mulher ordinária, vingar a perda da liberdade, as manchas que os açoites tinham deixado no seu corpo e a infame violação de suas filhas, pois que a brutalidade dos Romanos tinha chegado a tais excessos de torpeza que já para eles todos os insultos eram permitidos, poluindo indistintamente tudo, até a mesma virgindade e a velhice. Mas bem se via que os deuses já davam sinais de proteger uma causa tão justa, porque uma legião, que se havia atrevido a combater, tinha sido aniquilada e os outros ou se escondiam nos quartéis, ou buscavam meios de escapar-se. Assim, não seriam capazes de ouvir nem o estrondo das armas, nem os clamores de tantos mil combatentes, e muito menos ainda de sofrer o ímpeto e o peso dos seus braços. E, se atendessem para o seu número e para os motivos desta guerra, ou deviam vencer ou morrer nela. Tais eram os seus sentimentos como mulher; quanto a eles, que eram homens, podiam muito embora viver e ser escravos. (TÁCITO, *Ann.*, 14, 35. 1-2)

É possível perceber uma certa “romanização” da figura da guerreira bretã durante a fala, algo para o qual haveria precedentes na historiografia taciteana. Como apontado por Rutledge (*apud* ADLER 2008, p. 174), no discurso que Tácito atribui a outro líder bretão, Cálgaco, o historiador

[...] transforma a terra alienígena e distante da Grã-Bretanha Romana em um espaço romano, com uma identidade romana, cujo povo compartilha e abraça os valores romanos, e sua ideologia, com resultados variantes; e o objetivo final do texto de Tácito é perpetuar a expansão e disseminação contínua da *Romanitas* (grifo nosso) que agrícola impõe à Grã-Bretanha.²⁵

Para caber na narrativa, os códigos que Boudica utiliza devem ser compreendidos pelos romanos, o público ao qual a obra de Tácito se destina. Têm-se em um primeiro momento a colocação de que ela teria discursado para seus conterrâneos sobre o costume dos bretões em aceitar a liderança feminina. Esta colocação não faria sentido para um povo já inserido neste contexto e ciente de seus próprios costumes. A fala pode ser compreendida como mais uma justificativa para os leitores da obra sobre a sua liderança. A causa pode ser entendida como uma clara diferenciação entre as lideranças romanas e as bretãs

²⁵ Trad. Livre de: “[...]turns the alien and distant land of Roman Britain into a Roman space, with a Roman identity, whose people share and embrace Roman values and ideology with varying results, and the ultimate aim of Tacitus’ text is to perpetuate the further expansion and spread of the Romanitas Agricola imposes on Britain.”

– na tentativa de colocar os bretões como os “outros”. De maneira explicativa, sua aceitação de comandantes do gênero feminino serviria como um marcador de sua alteridade. Isto, ou o trecho seria uma mera explicação técnica, descrevendo e justificando a liderança feminina frente ao choque da diferença. Adotamos a primeira opção como sendo a mais provável.

Seguindo a linha da oratória transcrita, existe uma crítica a opressão romana nas províncias pela boca de Boudica. Os desejos de Roma tinham avançado ao ponto onde eles (os romanos) não deixavam nenhum corpo “não poluído” (TÁCITO, *Ann.* 14. 35). Percebe-se que a crítica da rainha bretã reside no avanço dos “desejos” imperiais de sua época, em outras palavras, na corrupção da cosmopolis em relação a um estágio que lhe fora conhecido anteriormente. Acreditamos ser muito mais provável que esta corrupção “moral” dos desejos de Roma ser um argumento de autoria taciteana, devido a este refletir às suas críticas a opulência e a arbitrariedade dos imperadores nos tempos imperiais. A fala se alinharia a posição saudosista, já referida anteriormente, em relação ao período republicano, anterior ao Principado, e a corrupção dos valores cívicos ocorrida no último. Há de se entender que, para um público de guerreiros bretões, a atestação da corrupção de sistema romano seria desnecessária para a provocação de sentimentos adversos contra seus inimigos.

Doravante no discurso, Tácito ainda aproxima a guerreira de um caráter “popular”. Ele a coloca não como uma representante do poder real ou da riqueza do reino, como é observado: “porém que agora não vinha como rainha, descendente de avôs tão ilustres, reclamar o seu reino e o seu poder: vinha, sim, como qualquer mulher ordinária, vingar a perda liberdade” (TÁCITO, *Ann.* 14. 35). Ou, como melhor entendido em outra tradução da mesma passagem (WOODMAN, 2004): “ela agora não aparecia diante deles como uma herdeira dos grandes ancestrais, vingando seu reino e riqueza mas, como uma das pessoas do povo, sua liberdade perdida”²⁶. Esse afastamento da imagem de Boudica de seu caráter real é interessante na medida que observamos o apreço do

²⁶ Trad. Livre de: “now she was not, as one sprung from great ancestors, avenging her kingdom and wealth but, as one of the people, her lost freedom” (WOODMAN, 2004, p. 291)

historiador pela era republicana. De fato, o período monárquico se demonstrou uma memória amarga entre a ordem senatorial romana. Tanto que a acusação contra César residiu justamente na ideia de que este queria se tornar um monarca (*rex*). Não se imagina aqui que toda a ordem senatorial se colocaria a favor de Boudica e veria sua insurgência como legítima, dizer tal coisa seria uma negação do contexto senatorial romano na época do principado. Em contrapartida, é interessante notar que Tácito cria uma persona não inteiramente negativa para rainha-guerreira, sendo de certa forma até favorável. Aliado a esse contexto, têm-se o forte caráter crítico e a representação tirânica que Tácito denota aos imperadores em suas obras. Alguns historiadores (ESTEVES, 2015) que argumentam que este não era contra o principado em si, mas sim contra a sucessão hereditária do poder do *princeps*. De uma forma ou de outra, o autor não escreve Boudica como uma tirana nem como uma herdeira de uma linhagem, ela não se autolegitima por sua ancestralidade ou opulência, mas sim pelo seu interesse em defender a “liberdade” que fora dissipada pelas legiões romanas.

O estupro de suas filhas como uma das causas para o levante ainda é um fator interessante para a análise da narrativa. Em Dião Cássio, por exemplo, a subjugação econômica dos bretões aparece como um elemento mais preponderante para o levante que a má conduta sexual. De fato, o estupro das filhas de Boudica nem é citado em seu discurso (ADLER, 2008, p. 184-9) Deve-se lembrar que um estupro é uma causa legitimada pela história de Roma para insurgências. O estupro das sabinas provocou a revolta de seus pais nos primórdios da cidade como escreve Tito Lívio, e fora um estupro também – o de Lucrecia – que instaurou o regime republicano (LÍVIO, *História de Roma*. 1. 9-58). De fato, o estupro aparece em diversos momentos como motor da história na Roma clássica. Pode-se argumentar que essa seja uma das causas que apareceram para Tácito em sua pesquisa e este, como obrigado a abarcar a verdade pela concepção de sua função, apenas não a ocultou. A noção de uma representação simpática da guerreira bretã se mantém mais forte, entretanto, com o precedente do argumento supracitado do afastamento da figura da Boudica da figura de uma monarca. Cabe aferir ainda que a crítica à “má conduta” sexual dos colonizadores romanos se mostra presente também no discurso, por

ele conferido, a outros líderes bretões, como Cálgaco e Civilis (*apud* ADLER, 2008, p. 183).

Percebe-se que a luta dos Icenos e de sua líder aparece com uma certa ambivalência na narrativa dos *Anais*. Concordamos com Adler (2008, p. 179) quando este diz que Tácito cria uma representação “semi-simpática” de Boudica e sua família. Apesar dos bretões serem postulados como povos carregados de misticismos e com práticas condenáveis, como foi atribuído aos druidas da ilha de Mona, a líder dos Icenos é configurada e reestruturada com características civis admiráveis para um romano. Nossa intenção neste artigo não é defender que Tácito se encontrava favorável a bretã na revolta, mas sim demonstrar como a caracterização que historiador faz de Boudica é ambivalente e complexa, não amplamente negativa, como uma leitura primeira poderia levar a crer; enviesada pela sua suposta defesa da ação imperial e superioridade romana. É importante ressaltarmos que, para apresentá-la sob uma luz “simpática”, ele a traduz como uma liderança imaginável no contexto sociocultural romano, com motivações e justificativas habituais a ordem senatorial. Boudica se torna um personagem coerente se julgada pelos padrões cívicos romanos, pelo menos os que Tácito parece prezar em suas obras. Sua revolta denota de uma certa coerência pelo que a ocorreu. Como dito por Adler (2008, p. 183),

Tacitus não demoniza Boudica nem apresenta uma caracterização simplista dela. Sua Boudica é uma mistura—parte matrona romana maltratada, parte líder celta determinada.²⁷

Boudica da era vitoriana: estátua de Thornycroft e a memória britânica

Como muitos autores antigos, os escritos de Tácito passam por uma certa invisibilidade durante a era medieval, sendo suas obras gradativamente mais consumidas durante o Renascimento. A figura de Boudica também é “resgatada” durante esse período. Entrementes, durante a historiografia “colonial” a rainha bretã sofreu de um certo apagamento, devido ao fato de a subjugação de grupos

²⁷ “Tacitus neither demonizes Boudica nor presents a simplistic characterization of her. His Boudica is a hybrid—part maltreated Roman matron, part determined Celtic leader.”

bárbaros ser comparada com o processo de colonização moderno. Principalmente durante o séc. XVIII (HINGLEY; UNWIN, 2005, p. 147), a subjugação dos bretões no primeiro séc. I d.C. era analisada sob um prisma positivo na medida ela teria contribuído para a introdução uma “luz civilizatória” aos bárbaros. Algo semelhante, na perspectiva colonial, ao que ocorreu no processo de imperialismo dos Estados Unidos e dos países europeus em relação aos países ditos de terceiro mundo. Por esta razão, a Roma imperial era posta por alguns estudiosos como precursora da ação dos países imperialistas do séc. XIX; sendo utilizada desta forma como justificativa para a última, por uma noção de hereditariedade. Essa ideia é observada poema de Henderson (*apud* HINGLEY; UNWIN, 2005, p. 157), quando o autor diz que “a conquista romana foi o primeiro passo da Grã-Bretanha ao longo do caminho em direção ao seu império mais amplo” (tradução livre).

Essa tendência também foi seguida pelos produtos culturais da época. Roma fora posta como uma predecessora do Reino Unido e de seu governo; como um primeiro passo para construção tardia do império liderado pelo último. Esta regra de releitura do passado não foi isenta de exceções, porém determinada pela tendência observada na maioria nas produções culturais deste período. No entanto, no final do século XIX e começo do XX, há um ponto de virada e a consolidação de uma perspectiva de supremacia do império Britânico em relação ao Romano. Como é observado no seguinte trecho de *The Roman Wall*, de John Collingwood, de 1851:

Outro império surgiu do qual Roma não sonhava [...] nesta ilha, onde, nos dias romanos, o selvagem pintado dividia a floresta com a besta de rapina - uma senhora está sentada no trono de estado, empunhando um cetro mais poderoso do que Júlio ou Adriano jamais seguraram! Seu império é três vezes maior do que o de Roma na hora de seu auge, mas o poder não é seu mais brilhante diadema. [...] Seu povo a abençoa. (*apud* HINGLEY; UNWIN, 2005, p. 148)²⁸

Nos séculos XVIII e XIX, portanto, são percebidas visões complexas e com camadas multifacetadas sobre o passado. Por um lado, há uma aproximação com

²⁸ Tradução livre de: “Another empire has sprung into being of which Rome dreamt not [...] In this island., where, in Roman days, the painted savage shared the forest with the beast of prey – a lady sits upon the throne of state, wielding a sceptre more potent than Julius or Hadrian ever grasped! Her empire is threefold that of Rome in the hour of its prime, but power is not her brightest diadem. [...] Her people bless her.”

o Império Romano e uma idealização deste, por outro, começa também a se delinear um prisma negativo sobre o Império Romano. O último, sendo o mais consolidado ao final do último século supracitado, vai além da mera comparação entre os britânicos contemporâneos e os romanos antigos, mas também aproxima os antigos bretões do século I d.C. dos britânicos contemporâneos. Neste espaço, líderes bretões insurgentes, como Boudica e Calgaco, ganham particular atenção, como um testemunho da benignidade perpassada por descendência e como figuras heroicas e patrióticas (HINGLEY; UNWIN, 2005, p. 150).

A recepção mais significativa para a consolidação dessa caracterização de Boudica fora o poema de William Cowper, da segunda metade do século XVIII. É no século XIX, contudo, que sua imagem ganha uma maior proeminência nacional por conta de dois principais fatores: seu gênero e seu nome. Devendo-se ao fato da rainha-guerreira ser tomada como um símbolo de força da liderança feminina, em um país redigido por uma monarca do gênero feminino ao final do século. Também pelo fato de seu nome, Boudica, em língua britânica antiga significar “vitória” (JACKSON, 1979), o que permite uma clara associação a rainha Vitória. De fato, em sua obra, Hingley e Unwin (2005, p. 159) citam um verdadeiro “culto imperial” em torno da imagem de Boudica, na virada do século XIX para o XX. Os autores ainda generalizam este fato ao citarem o dito de que toda criança em idade escolar neste período saberia recitar o poema de Cowper (Ibidem, p. 181-2).

Durante o começo do séc. XX, a estátua de Thomas Thornycroft se destaca como um dos monumentos criados para a afirmação da líder bretã como um símbolo patriótico e imperial britânico. Construída no final do séc. XIX e inaugurada em 1902, a estátua faz parte de um plano de governo para a imediata aproximação de Boudica à rainha Vitória. Nela, é possível ver a líder bretã, em cima de uma carruagem, em um traje similar a um *quítion* grego, com uma coroa, braços elevados em direção ao céu, uma das mãos portando uma lança e as duas filhas, uma a cada lado.



Figura 1: monumento Boadicea

Fonte: <https://www.meisterdrucke.pt/artista/Thomas-Thornycroft.html>,

Acesso em: 25/11/2023.

Sua postura na estátua é de imponência, ela segue com o olhar direcionado para cima, não olhando para a sua volta. Seu caráter como guerreira é acentuado pela lança, mas o que impera é o seu aspecto físico. Ao contrário de Tácito, no monumento, há uma clara intenção de aproximar Boudica de seu caráter real. Sua pose é inabalável, como uma líder confiante, além de em sua cabeça repousar uma coroa, feita nos moldes modernos. Esta, para este contexto, fora escolhida para acentuar seu caráter monárquico, aproximando-a da família real britânica. Suas filhas permanecem abaixadas ao seu lado, não obstruindo a vista do espectador do quadro principal – a própria Boudica. Quase como que curvadas, elas se demonstram abaladas pelo derredor: uma mantém seu olhar direcionado para os lados, enquanto a outra olha para trás, de acordo com o próprio Thornycroft, para o lastro de destruição deixado pela batalha (HINGLEY; UNWIN, 2005, p. 163). Os olhos dos cavalos aparecem selvagens, em contraste com a pose serena de Boudica. Embaixo da estátua, se apresenta a descrição “Boadicea/Boudica: queen of the Iceni, who died A. D. 61 after leading her people against the Roman invader”, que reforça a noção de empoderamento

trazido pela estátua e de uma realeza justa, que luta contra invasores pela liberdade.

Na base do monumento, ao lado, há inscrito um trecho do poema de Cowper: "Regions Ceaser never knew, Thy posterity shall sway". A líder bretã é posta como uma ancestral do povo britânico e de seu sistema monárquico, noção anacrônica. É interessante notar que, aqui, o texto vem de auxílio a imagem, como uma ideia reforçadora. A intenção, dada ao contexto, é claramente a de aproximá-la à rainha Vitória, por uma noção de hereditariedade. Não há como precisar se os povos bretões do séc. I d.C. detinham um senso identitário uníssono, outra tribo poderia ser vista como estrangeira assim como os romanos o eram (ALDHOUSE-GREEN, 2006, p. 125). Boudica, de fato, não se reconheceria como líder de uma nação, no sentido moderno da palavra. No entanto, esta ideação da guerreira bretã como uma líder britânica é uma construção vitoriana consolidada no século XX. Tanto que persiste no imaginário social contemporâneo do Reino Unido. Histórias infantis ainda perpetuam a imagem de Boudica como a primeira das "grandes rainhas" da Inglaterra, como se vê em uma produção do British Council, disponibilizado em uma plataforma online. Este coloca Boudica próxima e anterior, em uma linha do tempo, à rainha Vitória e à Elizabeth II:

Figura 2: frame do instante 2:41 do vídeo *The tale of Boudica by British Council*

Fonte: https://youtu.be/hYwds_rVGyA?si=S_GfxkiOYxmjfQpz,

Acesso em: 25/11/2023



É importante salientar mais uma vez que essa consolidação no imaginário coletivo da líder bretã como pertencente a uma tradição monárquica, é uma construção engendrada por um projeto governamental. Para este, a estátua de

Thornycroft fora primordial para a cristalização da ideia de uma Boudica como símbolo imperial na memória inglesa. O próprio príncipe Albert opinou sobre a construção do monumento, trocando correspondências com Thornycroft e disponibilizando seus próprios cavalos como moldes para os da estátua (HINGLEY; UNWIN, 2005, p. 162). Além disso, têm-se a escolha do local para a deposição do monumento, em frente ao parlamento britânico, e o fato de que a monarquia em si financiou o escultor em sua criação.

O que se faz mais interessante ainda, ao nosso ver, é que a “romanização” de Boudica – isto é, uma aproximação de Boudica da esfera cultural mediterrânea antiga – persistiu na modernidade. Ela aparece com uma vestimenta grega e seus traços marcados fortemente pelos moldes greco-romanos, padrões do neoclássico europeu. Sua carruagem também se apresenta anacronicamente com o formato de uma carruagem – com a foice nas rodas – do séc. XIX. Para caber no discurso imperial britânico, Boudica não é representada “barbarizada”. A aproximação com o verossímil do que seria sua imagem verdadeira não é o foco. Sua estética é representada de uma forma clássica, que mais se encaixa com os moldes de uma sociedade europeia do século XIX; ainda fortemente marcada pela noção de hereditariedade para com a civilização greco-romana. Bélo (2014), em seu artigo, faz um levantamento para testagem do alcance da rainha guerreira bretã na sociedade britânica contemporânea. Das 40 pessoas entrevistadas, 92,5% já haviam ouvido falar de Boudica e 85% tinham aprendido sobre ela na escola (BÉLO, 2014, p. 118). Isto demonstra como Boudica se mostra presente no folclore britânico, e como sua imagem fora fortemente associada à monarquia britânica. Ela alcançou seu ápice de fama principalmente durante o período de governo da rainha Vitória e muita dessa campanha foi cristalizada pela estátua de Thornycroft e o poema de Cowper. Ambos se encontram presentes no monumento do séc. XIX.

A utilização do passado feita por Thornycroft foi preponderante para a noção hodierna de Boudica no Reino Unido. Tácito nem a adjetiva como rainha em sua obra, entretanto, a noção estabelecida no imaginário coletivo britânico é, em muitos casos, a desta como um símbolo patriótico e uma antecessora das rainhas Vitória e Elizabeth II. Pela teoria de cadeias de recepções de Martindale

(2006, p. 4), não há como dissociar uma leitura contemporânea de um texto antigo das inúmeras recepções feitas deste material em seu devir. Se observa, aqui, que a recepção de Thornycroft é fruto de um processo histórico – o monumento é dependente do contexto social de sua gênese e das representações de Boudica que lhe foram anteriores. Contudo, ele é um elemento importante para a construção de uma memória local em torno da rainha-guerreira. A estátua se mostra como um fator catalizador de memórias locais. Ela é um material preponderante para a consolidação da rainha dos Icenos na memória nacional, britânica e inglesa. Os usos do passado de Boudica, realizado por Thornycroft com a ajuda da família real, cristaliza um novo imaginário da Bretã como uma monarca idealizada, que demarca imponência contra seus oponentes. A história atravessa a realização do material em seu processo de criação, assim como este também ajuda a escrevê-la a partir de sua confecção.

Corpus documental:

TÁCITO. Livro XIV. In: **Anais**. Trad. J. L. Freire de Carvalho. Lisboa: Edições Colibri, 2022, p. 337-369.

TÁCITO. Livro XIV. In: **The Annals**. Trad. A. J. Woodman. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, Inc, 2004, p. 275-306.

TÁCITO. Livro I. In: **The history of Tacitus**. Trad. A. J. Church e W. J. Brodribb. Londres: Forgotten Books, 2019, p. 1-45.

TITO LÍVIO. Livro I. In: **História de Roma**. Trad. P. M. Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989, p. 21-104.

Referências Bibliográficas:

ADLER, E. **Boudica's Speeches in Tacitus and Dio**. The Classical World, v. 88, nº. 1, p. 173-195, 2008.

ALDHOUSE-GREEN, M. **Boudica Britannia**. London: Pearson Longman, 2006.

BAKOGIANNI, A. O que há de tão 'clássico' na recepção dos clássicos? Teorias, metodologias e perspectivas futuras. **Codex - Revista de Estudos Clássicos**, Rio de Janeiro, v. 4, nº 1, p. 114-131, 2016.

BARROS, T. H. B. Por uma metodologia do discurso: noções e métodos para uma análise discursiva. In: **Uma trajetória da Arquivística a partir da Análise do**

discurso: inflexões histórico-conceituais [online]. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p. 73-95. Disponível em: < <http://books.scielo.org/> >. Acesso em 26 de nov. de 2023.

BÉLO, T. P. **Boudica e as facetas femininas ao longo do tempo:** nacionalismo, feminismo, memória e poder. Tese (Doutorado em História Cultural) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

BÉLO, T. P. Um estudo preliminar sobre Boudica e a memória coletiva Britânica. **Cadernos do LEPAARQ**, UFPel, v. XI, nº 21, p. 106-121, 2014.

ECO, U. **Obra aberta:** forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Editora Perspectiva SA, 2015.

ESTEVES, A. M. Discursos e Caracterização de Tibério nos Anais de Tácito. **Phoînix**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 137-151, 2015.

FAVERSANI, F. Tácito, Sêneca e historiografia. In: JOLY, F. D. (Org.). **História e retórica:** Ensaio sobre a historiografia antiga. São Paulo: Alameda, 2007, p. 137-146.

FUNARI, P. P.; GARRAFFONI, R. S. Tácito. In: _____. **Historiografia:** Salústio, Tito Lívio e Tácito. Campinas: Editora da Unicamp, 2016, p. 89-126.

GLAYDSON, J. da S.; FUNARI, P. P.; GARRAFFONI, R. S. Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 40, nº 84, p. 43-66, 2020.

HINGLEY, R.; UNWIN, C. **Boudica:** Iron Age warrior queen. London: Hambledon Continuum, 2005.

JACKSON, J. Queen Boudicca?. **Britannia**, v. 10, p. 255, 1979.

KOSELLECK, R. Historia Magistra Vitae: Sobre a dissolução do topos na história moderna em movimento. In: _____. **Futuro Passado:** Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 41-60.

MARQUES, J. B. Públio (Gaio) Cornélio Tácito. In: PARADA, M. (Org.). **Os Historiadores:** Clássicos da História. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Vozes, 2012, v. 1, p. 88-106.

MARQUES, J. B. Um ciclo de costumes em Tácito? Anais III, 55. **Boletim do CPA**, Campinas, [s. v], n. 18, p. 55-66, 2004.

MARTINDALE, C. Introduction: Thinking Through Reception. In: MARTINDALE, C.; THOMAS, R. F. (ed.). **Classics and the uses of Reception**. United Kingdom: Blackwell Publishing, 2006, p. 1-13.